

Para os cientistas que se dedicam ao estudo do comportamento, o pai negligenciado — e negligente — é causa profunda de muitos problemas da sociedade moderna

## Os Pais Invisíveis

LESTER VELIE

**B**RUCE M., um jovem agente publicitário, levanta-se às seis da manhã, quando seus dois filhinhos ainda estão na cama. Viaja cinquenta quilômetros até chegar ao escritório, em Nova York, e regressa por volta das sete da noite. Quando tem em mãos uma grande campanha publicitária, costuma regressar só por volta das dez. Logo, nos dias de semana, o máximo que pode fazer, como pai, é olhar enternecidamente, antes e depois do trabalho, para os filhos adormecidos. Fins-de-semana? Num ou noutro sábado, Bruce se fecha em seu gabinete, com uma pasta abarrotada de trabalho — ou, para escapar à mulher e aos filhos, foge para o escritório. Tal como milhões de outros maridos no mundo inteiro, viajantes regulares entre a casa e o trabalho, Bruce é o que poderia se chamar de «pai invisível».

Bill W., pai de dois adolescentes, é um «peão», num jogo de xadrez coletivo. De tantos em tantos anos, é deslocado para uma nova casa em outra cidade, por uma empresa que considera isso «bom para nós e para a melhoria da carreira do empregado». A influência que isso tem sobre o desenvolvimento dos filhos desligados de Bill, a empresa não diz. É claro que Bill não é obrigado a se mudar, se não quiser. Mas ele aceita tudo, porque acredita ser essa a maneira de subir dentro da empresa.

Henry S., pai de dois adolescentes, é diretor do conselho de educação da sua cidade. Toma parte ativa em várias instituições de beneficência locais, e é um dos maiores levantadores de doativos nas campanhas anuais de angariação. Henry é também árbitro de jogos de beisebol de pequenas associações, e ajuda na coleta de

fundos para o combate à distrofia muscular. Há pouco tempo, a mulher de Henry lhe disse: «Já notou que, há dez noites consecutivas, você não parou em casa, e eu não saí à rua?»

A inclinação natural de Henry para fazer o bem é explorada pelos diretores de sua firma, que dizem aos executivos ser determinado trabalho «bom para a nossa imagem». Os sindicatos também fazem pressão para que seus membros se dediquem a eles, e o mesmo fazem muitos de nossos vizinhos. Resultado: milhões de pessoas como Henry estão envolvidas na vida e negócios de toda a gente, exceto na de seus próprios filhos.

Joe H. tem cinco filhos; trabalha na polícia durante o dia e, à noite, é motorista de táxi, para poder manter a família. Há vários como ele, sobretudo entre os que trabalham em indústrias que pagam mal. O Ministério do Trabalho dos Estados Unidos informa que trabalhadores americanos têm dois ou mais empregos e isso parece comum na maior parte do mundo. As crianças? «Isso é trabalho da patroa!»

Vejam o caso de Homer J., pai de quatro filhos, cujas idades variam entre os nove meses e os nove anos, e que é sempre preterido em questões de trabalho. Por ser negro e pela falta de jeito para vendas, é o último a ser contratado, quando há muito trabalho, e o primeiro a ser despedido,

quando há falta. Como as leis de bem-estar social do seu estado proíbem a Ajuda às Famílias com Filhos Dependentes, quando há um homem na casa, ainda que este esteja desempregado, Homer abandonou o lar, para que a mulher e os filhos pudessem comer. Com uma taxa de desemprego que se mantém acima dos cinco por cento, nos Estados Unidos há quase um milhão de pais impossibilitados de trazer para casa o pão de cada dia e, por isso, não estão em condições de ser pais.

O pai é o homem esquecido da sociedade norte-americana.

#### **Uma Possibilidade de Ajuda.**

Os sociólogos e psicólogos, que escrevem laudas e mais laudas de pesquisas sobre as mães, ignoram praticamente o pai. Os críticos antifamília também o ignoram. Dizem que a própria família está fora de moda, e que os novos modelos (o casamento em grupo ou o casamento permissivo) dão melhor resultado. Nenhum deles sugere que o modelo atualmente fora de moda, e que serviu durante séculos, daria melhor resultado, se, ao menos o pai, tivesse mais possibilidades de ajudar.

Agora, no entanto, começam a aparecer algumas opiniões destinadas a mostrar a importância do pai. «A influência do pai começa antes do nascimento da criança, ao manter a futura mãe em bom estado de espírito», diz o psicólogo Henry B. Biller. E continua a ser decisiva, diz Biller,

mesmo nesses primeiros anos em que, segundo se supõe, a mãe é, para o filho, mais importante que o pai. «Com efeito», aponta Biller, «o pai é, provavelmente, mais importante que a mãe, para o saudável desenvolvimento sexual tanto dos rapazes como das moças.»

«O pai tende a estabelecer a diferença entre filhos e filhas, e a recompensar o comportamento sexual adequado dos filhos, muito mais do que a mãe. Assim, a criança privada do pai está mais sujeita a ter problemas em suas relações com o sexo oposto, por não ter sido devidamente elucidada quanto ao papel do sexo. Alguns estudos sobre os antecedentes familiares de homossexuais, tanto masculinos como femininos, revelam uma incidência muito elevada da ausência do pai.

A falta de um pai consciente pode prejudicar, também, os progressos da criança na escola. Biller e um colega observaram 44 rapazes do terceiro ano da escola primária, cujo contato com os pais variava de duas horas, ou mais, por dia (presença do pai elevada), a menos de seis horas por semana (presença do pai baixa). Biller relatou: «O grupo em que a presença do pai era elevada revelou um nível de aproveitamento escolar muito alto.»

Por quê? Principalmente porque, acredita Biller, uma relação íntima com o pai favorece a autoconfiança que é necessária para a realização.

**A Ausência Crítica.** À família compete socializar a criança, ensinando-lhe os valores da sociedade e os princípios fundamentais. Os pesquisadores da Universidade de Cornell descobriram, estudando rapazes da classe média, que a freqüente ausência de um, ou de ambos os pais, leva os adolescentes a recorrer uns aos outros na busca de valores. Esses filhos têm mais tendência, dizia o relatório de Cornell, «a ser pessimistas quanto ao futuro, dão baixo rendimento no que respeita à responsabilidade e liderança, e têm maior tendência para se envolver em comportamentos anti-sociais.»

Num estudo complementar, Urie Bronfenbrenner, psicólogo da Universidade de Cornell, acrescentou: «Talvez, por ser mais pronunciada, a ausência relativa do pai era mais crítica do que a da mãe.»

Diante de tantas provas, os cientistas que se dedicam ao estudo do comportamento começam a nos dizer que o pai negligenciado — e negligente — é causa profunda de muitos problemas da sociedade norte-americana: delinqüência juvenil, abuso de drogas, rebeldia contra o casamento e a família — e também daquilo que a última Conferência sobre as Crianças, na Casa-Branca, chamou de «fracasso no processo de tornar humanos os seres humanos.»

Para pôr fim a este fracasso, é necessário reforçar as funções tra-

dicionais da família. Isto, por sua vez, exige, segundo as palavras do Prof. Lawrence E. Fuchs, da Universidade de Brandeis, «a recuperação do pai».

A autoridade do pai norte-americano, dentro da família, tem sido reduzida — argumenta Fuchs — devido às pressões que recebe de fora. A pressão que se exerce sobre o homem começa na infância, quando se espera mais dele do que da irmã; continua no colégio e na universidade, e atinge proporções assustadoras no adulto e no homem de meia idade. No fim do século passado, o homem médio morria dois anos e dez meses mais cedo que a mulher. O homem médio de hoje morre seis anos mais cedo que a mulher.

**Novas Atribuições da Mãe.** Enquanto o pai se mata para vencer na vida, a autoridade, dentro da família, fica a cargo da mãe. É ela quem tem de civilizar os pequenos «selvagens»; é ela quem os faz dormir na hora certa; quem os acorda a tempo de apanhar o ônibus para a escola; quem os obriga a arrumar suas coisas; quem faz com que ajudem a pôr a mesa e vivam em relativa paz. E é a mãe quem conferencia com o professor, assiste às reuniões e marca consultas no médico.

O pai, que renuncia à sua autoridade, não priva os filhos apenas da mão forte necessária na sua educação. Suas outras preocupações podem ser interpretadas pelos filhos como indiferença, e despertam,

assim, a amargura que conduz à alienação e à rebeldia. Aquilo de que a família norte-americana mais precisa, diz Fuchs, é de um pai forte — não um tirano autoritário, mas um pai simpático, que saiba ouvir os filhos e impor sua autoridade. E um pai que esteja disposto a desempenhar, pessoalmente, a missão paterna.

Como faremos para trazer o pai de volta à vida dos seus filhos? Bem, para começar, o pai podia tentar ajudar-se a si próprio.

Por exemplo, um jovem procurador que conheço, Frank C., que, muitas vezes, se vê obrigado a permanecer no escritório à noite e nos fins-de-semana, devido ao trabalho, consegue, apesar disso, ser um pai *visível*. Leva periodicamente a mulher e o filho de três anos para almoçar na cidade, e, nos fins-de-semana em que tem trabalho, leva-os ao seu gabinete, no edifício do tribunal, onde o garoto corre à vontade pelos corredores, em seu velocípede. Ou, durante um intervalo, o pai leva o filho a uma das salas do tribunal, senta-o no banco do juiz, e observa-o feliz, enquanto ele bate fortemente com um martelo de brinquedo.

As pesquisas revelam não ser apenas importante a quantidade de tempo que um pai permanece em casa; é também a qualidade do contato com a criança.

**Feministas a Favor da Paternidade.** Uma força significativa e inesperada, que vem atuando, no

sentido de reconduzir os pais à vida dos filhos, é o movimento feminista. Embora o objetivo principal de suas integrantes seja, naturalmente, o de libertar a mãe negligenciada, elas nos forçam também a fazer algo pelo pai negligenciado.

Por exemplo: as instituições de auxílio à maternidade já existem, e um número crescente de empresas as vem adotando, graças a uma decisão da Comissão pela Oportunidade de Igualdade de Empregos, de que a gravidez e o parto são «incapacidades» para o trabalho, e devem ser pagas pelo seguro. Agora, as feministas (e os sociólogos) perguntam: «E o auxílio à paternidade?»

Membros da Federação Americana de Professores, de Nova Jersey, propuseram algumas cláusulas para o contrato de licença dos pais, que permitirão aos maridos uma semana de licença paga, quando a mulher tiver criança. E a União Internacional dos Trabalhadores de Eletricidade, Rádio e Máquinas tem um contrato com a Textron, S. A., em Rochester, Nova York, que permite a um dos pais (ou a ambos) a licença não remunerada, que pode ir até dezoito meses, a fim de cuidar do filho recém-nascido.

Talvez se as feministas conseguissem penetrar nesse reduto masculino, a direção de uma empresa, pudessem conquistar maior número de pais para a questão da paternidade. Inevitavelmente, as mulheres

diretoras começariam logo a fazer perguntas, tais como: «É realmente necessário participar de convenções?»; ou: «O quê? Transferiram Jones outra vez? Seus filhos tinham acabado de se matricular na escola!»

A Conferência Sobre as Crianças, realizada na Casa-Branca, concluiu que o tipo de vida da família norte-americana é produto dos negócios e da indústria, mais do que de quaisquer outras instituições da sociedade. Por isso, são eles os responsáveis pelo destino da família e da criança norte-americanas.

O indivíduo tem seus próprios caminhos a traçar, condicionado por uma vida de limitações. Contudo, há coisas que o patrão pode fazer para ajudar um homem a ser pai.

Urie Bronfenbrenner sugere, por exemplo, que as empresas poderiam melhorar suas possibilidades de atrair executivos talentosos, oferecendo um novo tipo de recompensa: mais tempo livre para questões de família, criado através da redução das obrigações profissionais que exigem a ausência de casa nos fins-de-semana e à noite. Bronfenbrenner sugere também que os patrões deviam criar mais cargos de meio-expediente, e conceder mais categoria a essas funções, a fim de permitir aos pais passar mais tempo com os filhos.

É necessário recuperar os pais e a paternidade para a família. Disso dependem uma vida familiar mais sã e a saúde de toda a sociedade.